

ENTRE A SUPERFÍCIE E O SUBTERRÂNEO: PROPOSTA DE PERCURSOS GEOTURÍSTICOS URBANOS EM LISBOA

ABOVE AND UNDER GROUND: A PROPOSAL FOR URBAN GEOTOURISTIC TOURS IN LISBON

Paulo Sá Caetano

PhD em Geologia (FCT/UNL), Professor Auxiliar, Departamento de Ciências da Terra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

pcsc@fct.unl.pt

Mafalda Luísa de Almeida Serra *Patuleia*

Doutoranda em Turismo na Universidade do Algarve – Faculdade de Economia

Directora da Licenciatura em Gestão Hoteleira (ISCAD), INP – Campus Universitário da Ameixoeira

mafaldapatuleia@inp.pt

Margarida Isabel Moreira Ferreira

Licenciada em Turismo Vertente Património e Informação Turística (INP), Mestranda em Turismo Cultural e Animação (INP)

margaridaferr@gmail.com

RESUMO

Lisboa tem já um perfil patrimonial definido: é reconhecida internacionalmente pela sua história, pela sua cultura e pela sua gastronomia. Neste artigo propõe-se um novo modo de olhar para a cidade que nos demonstra como o Geoturismo pode trazer inovação e originalidade de proposta a um local, que precisa de ser renovado, para poder atrair um novo paradigma de turista. Essa renovação talvez possa ser encontrada em algo que já existe e que possui grande importância tanto para os visitantes como para os habitantes da cidade de Lisboa no que diz respeito à sua mobilidade: a linha do metropolitano. O valor intrínseco das estações reside na harmonia do todo criado pela simbiose entre a arte (azulejaria e esculturas) e o uso da pedra natural. Assim, propõe-se a criação de percursos geoturísticos, realçando a utilização da pedra natural em diversas aplicações e, deste modo, contribuir para musealizar um espaço já existente e que possui uma função muito específica, demonstrando assim, que tudo o que nos rodeia pode e deve ser uma fonte de conhecimento, pois só quando abrimos os olhos ao que nos envolve no quotidiano, compreendemos o mundo, e ficamos conscientes do nosso papel no “todo natural”.

PALAVRAS – CHAVE

Lisboa, Metropolitano, Geoturismo Urbano, Pedra Natural, Arte.

ABSTRACT

Lisbon, for many years, has been world known for its history, music, food and festivities. With this paper, it is intended to give a brand new look at the touristic opportunities by showing how Geotourism can bring innovation and an original proposal to a place, already rich in touristic attractions, but in desperate need for the New Tourists. This new opportunity may be found in something already existing in the city, something that has great importance for the tourists and even

more for the residents: the city's underground transport system. However, is it feasible to use something as trivial as a subway station, as a geotouristic resource? The truth is that each station's value lies on the harmony created between Art and the use of natural stone. Therefore, we propose the creation of an urban geotouristic tour, where the works in natural stone are enhanced while showing the similarities between the traditional use of stone, and the modern underground world. Therefore, we can contribute to show that what surrounds us can be a source of knowledge, and only when you know what is around you, will you fully understand the world and realize one's role in the "whole".

KEYWORDS

Lisbon, Underground transport, Urban Geotourism, Natural Stones, Art.

1. INTRODUÇÃO

É notório que o turismo tem evoluído de forma rápida e competitiva, provocando alterações nos mercados através do surgimento de novos e atractivos espaços. Por um lado, a região das Américas regista um aumento no número de chegadas internacionais, a Ásia cresce de forma rápida e sustentada e em contrapartida a Europa cresce, mas com taxas de crescimento mais reduzidas do que no passado, perdendo gradualmente quota de mercado no turismo mundial. Estas considerações levam-nos a pensar que a prossecução da actividade turística deverá basear-se numa postura mais pró-activa assente em elementos estratégicos e sustentados. Neste sentido, pretende-se com este artigo sobre o Geoturismo Urbano, criar percursos geoturísticos urbanos no metropolitano de Lisboa, realçando a utilização da pedra natural em diversas aplicações e mostrar algum paralelismo entre o uso de pedra no mundo subterrâneo moderno e o uso tradicional e monumental de algumas pedras. Na grande maioria das estações, a pedra é trabalhada de modo a poder criar uma cadência com as peças de arte, quer estas sejam estatuária ou azulejaria. Não se pode dizer que uma estação é mais valiosa pela variedade de pedra, ou pela originalidade da arte. O valor intrínseco das estações reside na harmonia do todo.

2. O GEOTURISMO

Geoturismo pode ser definido como um micro-nicho do mercado turístico (Turismo da Natureza) virado para a diversidade geológica (geodiversidade) do local de destino, com especial atenção dedicada a locais com interesse geológico, os chamados geossítios ou georrecursos culturais (Galopim de Carvalho, 1998). É uma actividade turística que tem tendência para atrair turistas de maiores posses, pois é praticado a uma menor escala, é mais flexível e por isso menos invasivo e mais benéfico para as populações locais. No entanto, não existe uma definição deste conceito que seja universalmente aceite, o que dificulta a sua divulgação e promoção junto do público em geral (Dowling e Newsome, 2006).

2.1. O GEOTURISMO E OS NICHOS DE MERCADO

As primeiras referências sobre o Geoturismo remontam ao tempo dos Romanos, que se deslocavam em massa para visitar Vesúvio em Nápoles e o vulcão Etna na Sicília. Mais a Norte, as populações admiravam já os círculos de pedra de Stonehenge na planície de Salisbury (Inglaterra) e visitavam a costa sul do país, no Canal da Mancha, para observar os fósseis aí encontrados por Mary Anning. Alvo

de um autêntico fervor no século XIX – existindo inúmeras viagens organizadas a locais que possuíssem património geológico – pode-se afirmar que o Geoturismo foi um dos primeiros nichos de mercado existentes (Macfarlane, 2003).

O turismo contemporâneo é o resultado de uma alteração de paradigma que ocorreu desde os anos 80 e foi intensificada nos anos 90 (Poon, 1993). Estamos perante uma postura adquirida pelo novo turista que se manifesta por ser um novo tipo de consumidor, com critérios de avaliação mais exigentes, não anulando a existência do turismo de massas que, pelo contrário continua a dominar e a caracterizar as tendências dos fluxos turísticos internacionais. Perante esta actividade, cada vez mais segmentada, há que proteger e direccionar o sector turístico para um tipo de *turismo sustentável*, pois há que ter noção que esta é uma actividade que utiliza uma série de recursos finitos e, portanto, como forma de garantir a sua continuidade, há que proteger os mesmos. Para que tal aconteça, é necessário ter em atenção a harmonia entre os produtos e infra-estruturas do sector, e o ambiente local (Ayala, 1995 *in* Inácio e Patuleia, 2008).

Em 2007, em Portugal, é criado o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT), onde se aposta na riqueza do nosso país como forma de combater a inadaptabilidade do turismo português às novas tendências actuais: “temos recursos excepcionais em termos de localização, segurança do país, património histórico e cultural, afabilidade e adaptabilidade dos portugueses” (MEI, 2007). O PENT (2007) cria uma linha direccionada na consolidação e desenvolvimento de dez produtos turísticos estratégicos: sol e mar, *touring* cultural e paisagístico, *city break*, turismo de negócios, turismo de natureza, turismo náutico, saúde e bem-estar, golfe, turismo residencial e *resorts* integrados; e gastronomia e vinhos. Ou seja, este plano estratégico, aposta na criação de nichos turísticos. Mas, como os nichos de mercado derivam directamente do turismo de massas, podem futuramente, tornar-se, também eles, num sector de mercado massificado (Inácio e Patuleia, 2008). Esta evolução de pensamento, de uma concepção turística que girava em torno de apenas um produto turístico, para uma concepção que crê a necessidade de segmentos que complementem a oferta turística, deriva também da evolução de costumes e tendências sociais. O turismo não é mais do que um espelho da sociedade em que se integra, ou seja, falamos de turismo de “massa” pois a sociedade é também ela uma sociedade de “massa” proporcionando a emergência de áreas de nicho de mercado específicos (*ibidem*). Actualmente, já não existe uma padronização de escolhas nem de comportamentos e, é por isso que os nichos de mercado devem ser vistos como um complemento e não como substitutos dos produtos existentes. Os nichos de mercado podem ser divididos em: Macro-Nichos¹ que se segmentam em Micro-Nichos, tal como o Geoturismo, sendo que estes podem ser ainda segmentados em Nano-Nichos (como, por exemplo, o Geoturismo Urbano e o Geoturismo Eclesiástico).

¹ Sectores de maiores dimensões, tal como o Turismo em Espaço Rural, ou o Turismo Desportivo.

2.2. DO TURISMO CULTURAL AO GEOTURISMO

Será seguro dizer que todo o turismo é cultural? Provavelmente não, visto que a actividade turística assenta em diversos segmentos de mercado. No entanto, se virmos a actividade turística como mais do que um tipo de destino da nossa preferência e sim como “(...) o jogo da memória, da analogia, do contraste, entre os mundos que experimentamos e a vida sedentária que deixámos para trás e a que regressaremos depois (...)” (Ramos, 2009; 11), talvez se possa dizer que todos os turismos resultam num acréscimo à nossa cultura pessoal e, como tal, seria turismo cultural. No entanto, não é isso que esta tipologia acarreta. É um nicho de mercado que nos faz ver os nossos destinos com outros olhos. Não o olhar de um habitante local a quem as riquezas e tesouros passam ao lado mas, sim, um relance mais experiente, mais culto. O olhar de um turista, pois acima de tudo o turismo é uma actividade visual (Urry, 1990).

Se olharmos para o turismo como um só, a sua segmentação dá origem à divisão em turismos, sendo que um destes turismos plurais é denominado de *turismo cultural*. Como se pode refutar esta afirmação? Há que ter em atenção que toda a actividade turística é praticada pelo desejo de ver novas coisas e viver novas sensações ou novas experiências. Fugir ao escape do dia-a-dia para viver uma experiência fora do normal. É visto que através do turismo que se pratica se pode conhecer a sociedade vigente naquele local, pode-se dizer que a actividade é uma representação cultural da vida naquele sítio específico. Senão vejamos, em Portugal dá-se mais importância à praia do que à cultura erudita e, bem vistas as coisas, no nosso país, o segmento de mercado mais importante no turismo português é o produto sol e praia, sendo o turismo cultural relegado para um terceiro plano. Mas não podemos esquecer que a actividade tem uma base cultural, ou seja, o turismo, mesmo para aqueles que apenas desejam conhecer novas praias, serve para alargar a nossa base pessoal de conhecimento. Ficamos a conhecer mais do nosso país, mais do mundo, mais de nós próprios. É uma experiência visual, sendo apenas importante quando praticado num contexto fora do normal, ou seja, os actos quotidianos ganham importância quando realizados num local diferente do ambiente onde se vive ou se trabalha (Urry, 1990).

No entanto, para McKercher e du Cros (2002), o Turismo Cultural envolve quatro elementos: turismo, uso de bens patrimoniais culturais, consumo de experiências e de produtos e o turista. Para estes autores, o turismo cultural é uma forma de turismo e a decisão de embarcar no turismo cultural deve ser baseada inicialmente em razões comerciais e turísticas e, só depois, em razões de gestão de património cultural. Os bens patrimoniais culturais devem ser usados por uma diversidade imensa de grupos, sendo que estes grupos valorizam o bem de diferentes modos e pretendem diferentes benefícios da sua visita, pois têm distintas maneiras de o olhar estes turistas querem consumir uma imensa variedade de experiências culturais, o que apenas dificulta mais o modo como o bem deve ser apresentado. Assim, os bens patrimoniais devem ser transformados em produtos turístico-culturais, ou seja, transforma-se o potencial do bem convertendo-o em algo que o turista pode utilizar. Para a maioria dos turistas, a visita a um local cultural ou uma atracção patrimonial é vista como uma actividade secundária e não a principal razão de visita, constituindo-se como uma actividade suplementar que tem como objectivo o complemento da estada. A maioria dos turistas deste segmento, apesar de praticarem actividades culturais, não se vê como turistas culturais (não têm essa percepção de si mesmos).

O património cultural remete-nos para as nossas memórias, podendo ser um património material (como por exemplo, os edifícios históricos o são), ou um património imaterial (constituído, por exemplo pela nossa língua). Na Europa, o património cultural sempre foi um dos mais importantes geradores de turismo (Thorburn, 1986 *in* Richards, 1996), constituindo-se fundamentalmente como segmento do turismo urbano; o turismo cultural tem inserção privilegiada no espaço urbano.

Por outro lado, o património natural é constituído pelos recursos naturais (fauna, flora, habitats, coberta vegetal), assim como pelas áreas em que é possível observar o modo como o Homem se foi articulando com a Natureza ao longo dos tempos – ou seja a paisagem construída (Unesco, 1972).

O que daqui podemos apreender é que o Geoturismo une ambos os tipos de patrimónios, numa actividade turística com características muito próprias pois faz a ligação entre dois sectores muito diferentes. E é por isso que consideramos o Geoturismo Urbano, sendo este um componente do Turismo Cultural e, em parte, do Turismo da Natureza, uma boa aposta para a dinamização e diversificação para o sector turístico, na cidade de Lisboa.

2.3. O GEOTURISMO NATURAL E GEOTURISMO URBANO

Através do Geoturismo poderemos obter uma valorização, tanto a nível do património natural como do património edificado. Com o Geoturismo, o local assume um olhar diferente.

A observação e fruição da geodiversidade de um lugar como nicho de Turismo remete-nos logo para uma linha de pensamento de Turismo de Natureza. Por exemplo, inicialmente, jamais poderemos pensar ser possível e viável, dirigirmo-nos a um espaço urbano, para visitarmos um "pedaço" de História Natural. No entanto, será que é mesmo possível praticar uma actividade, considerada como parte integrante do segmento de mercado que é o turismo de natureza, no seio de uma cidade cosmopolita como a cidade de Lisboa? Basta pensarmos que as cidades não são mais do que livros de pedra que nos contam a história das sociedades que por ali passaram. Poderemos sempre estudar as pedras usadas na construção de uma cidade, para percebermos o percurso que uma dada sociedade teve. Poderemos sempre estudar as pedras, em busca de respostas e de ligações com os nossos antepassados. Como tal, não é necessário deslocarmo-nos até a uma escarpa, ou uma mina para aprendermos com a história gravada nas pedras, desses locais. Podemos praticar um turismo científico, de aprendizagem acerca da Natureza e da formação do nosso planeta, no seio da nossa própria cidade. Podemos aprender tanto com as pedras com que os edifícios foram erigidos, como com os fósseis que nos aguardam na natureza.

Todo e qualquer local pode ter potencial para a prática do Geoturismo, visto que todos os locais têm a sua própria história de formação geológica e nenhum é formado exactamente do mesmo modo (Dowling e Newsome, 2006). Basta-nos pensar em Lisboa e as suas sete colinas. O meio urbano possui imensas potencialidades de atracção deste tipo de turismo, senão vejamos: a grande maioria da população reside em centros urbanos e o valor patrimonial de algo que esteja fisicamente próximo, tem mais significado para as pessoas comuns, do que algo que se encontra afastado a centenas de quilómetros, num local ermo e de difícil acesso. Não esqueçamos também, que o turismo e o espaço urbano estão intrinsecamente ligados um ao outro. Na verdade, existem estudos que revelam que a taxa de gozo de férias tende a aumentar com a concentração populacional. Ou seja, não são apenas os factos socioeconómicos que *criam* viajantes e turistas. A dimensão urbana, cria nas pessoas o desejo de um escape do stress quotidiano e como consequência quem reside em grandes centros populacionais tende a viajar mais, como forma de libertação dos *stresses* que advém da vida urbana (Henriques, 2003).

No entanto será que mesmo os leigos na matéria da Geologia, poderiam sentir interesse em praticar uma actividade de lazer, que estivesse ligada a uma área tão científica como esta? Para respondermos a esta pergunta, basta observarmos quem percorre pela primeira vez, uma rua de um bairro que desconhece. Quem olha com espanto para o trabalho e para a história que as linhas de pedra nos contam. O desejo de saber mais sobre o trabalho de alvenaria e escultura que embeleza um dado edifício, ou mesmo, o trabalho de um calceteiro, que torna o chão que pisamos no nosso dia-a-dia

numa obra de arte. Observar quem entra pela primeira vez num edifício, cujo interior é completamente decorado pelo trabalho em pedra, e o desejo destes de saber mais. Quem percorre pela primeira vez a linha de metropolitano de Lisboa. O espanto que vem com cada estação, o desejo de conhecer as pedras utilizadas na construção, o desejo de observar, compreender e admirar. O *geoturismo urbano* será uma actividade com importância pois é um complemento às actividades que já habitualmente se praticam quando se visita uma cidade. Poderá não ser totalmente determinante no momento da decisão de um destino, pois apesar das diferentes motivações que um visitante poderá ter, quanto mais recursos um destino urbano possuir, mais originalidade terá. “A cidade (...) é um destino multivocação por excelência” (Henriques, 2003).

As cidades são locais que por serem muito complexos e com várias actividades disponíveis são considerados destinos mais completos, tendo por isso um factor de atracção de turismo mais acentuado e menos sazonal do que um destino onde não exista qualquer complemento à motivação principal. Assim, os georrecursos culturais urbanos (Caetano *et al.*, 2003) podem não ser um factor de atracção, mas poderão ser, sem dúvida, um dos factores que faz com que exista um prolongamento da duração da visita. Podemos mesmo dizer que quanto mais segmentos de mercado, ou actividades complementares, um destino possui, mais difícil será, devido às alterações dos padrões de procura, o local entrar em declínio no número de visitantes (Ferreira, 2005).

No conceito de georrecurso cultural urbano podem estar incluídos (Bennett *et al.*, 1996) os Museus (que promovam a interpretação e estudos científicos relacionados com Geologia), os parques e jardins (desde que estes preservem os afloramentos naturais); os afloramentos temporários ou permanentes (relacionados com obras de engenharia) e a Pedra Natural e o seu uso na construção – o georrecurso cultural urbano do qual este artigo falará mais amplamente.

3. ESTUDO DE CASO: PERCURSOS GEOTURÍSTICOS NO METROPOLITANO DE LISBOA

3.1. MUSEALIZAÇÃO DO ESPAÇO

Sem dúvida que um dos desafios deste projecto será a musealização de um espaço que serve como meio de passagem a milhares de pessoas todos os dias. Como poderia tal ser feito? Primeiro há que perceber que os objectos já se encontram expostos, mas que deveremos dar uma nova dimensão aos mesmos. Uma dimensão de comunicação para com os utilizadores do serviço e para com o público que visita o espaço para fins pedagógicos e/ou lazer. Em termos de comunicação com o visitante, o objecto exposto é o mediador do diálogo entre o Espaço e o Público, mas mais do que expor as pedras há que dar uma voz às mesmas, mas uma voz que o destinatário entenda (que poderá ser qualquer pessoa que esteja a utilizar o meio de transporte e, como tal, não possuímos um público-alvo). O nosso *target* poderá pertencer a qualquer classe socioeconómica, poderá ter diferentes habilitações, e poderá pertencer a qualquer faixa etária). Há portanto que trabalhar as informações anexas aos objectos. Para Galopim de Carvalho (1993), podem existir até 3 níveis de complexidade crescente:

- Um primeiro nível marcado pela informação muito simples, de âmbito geral e num texto intencionalmente curto;
- Um segundo nível um pouco mais descritivo;
- E um terceiro e final nível, com informação pormenorizada.

Assim, os objectos, graças às informações anexas ganham um valor aumentado como fonte de conhecimento. Em termos do Geoturismo, a grande importância é mostrar como no dia-a-dia estamos rodeados de riquezas naturais sem que o notemos ou sequer damos relevância. Só quando nos abrem os olhos para o que nos rodeia compreendemos o mundo e ficamos conscientes do nosso papel “no todo natural” (Galopim de Carvalho, 1993; pp. 233). Nos *mupis* existentes dentro das carruagens, poder-se-ia fazer uma campanha publicitária com *teasers*, que despertassem a atenção aos utilizadores do metropolitano, ainda antes do projecto ser levado a cabo. Após as estações se encontrarem musealizadas, poder-se-ia utilizar os *mupis* como forma de informar para o facto de nas estações se encontrarem disponíveis os auxiliares audiovisuais, assim como para as visitas guiadas.

Nas estações seriam possíveis as instalações de *stencils* que demarcassem as diferentes pedras. Os ecrãs existentes em algumas estações (o chamado MopTv) seriam utilizados para simular como os sedimentos podem, através da evolução geológica, tornar-se nas pedras calcárias que ali visualizamos. Tal como os Museus utilizam os auscultadores individuais que apoiam ou acompanham o seu percurso pela exposição, o mesmo apoio áudio poderia ser aqui usado. Os auscultadores estariam à disposição dos interessados nas cabines à entrada da estação, tal como um pequeno livro que suportaria a ajuda áudio. Também os hologramas poderiam ser utilizados para demonstrar como é possível que os fósseis de pequenas conchas sejam visíveis na pedra Lioz que forra a estação da Alameda (junção da linha vermelha à linha verde).

O guia deverá ser dividido por percursos existindo, talvez um guia por percurso e um geral, que unisse todos, tendo espaço dedicado a cada estação. Em cada estação poderemos ficar a conhecer a arte e as pedras ornamentais presentes no local, assim como cada estação poderá ter associada uma curiosidade ou referência (por exemplo na estação II do Saldanha poderemos ficar a conhecer um pouco o grande Almada Negreiros, na estação da Praça de Espanha poder-se-ia falar sobre os Meninos de Palhavã). No entanto por mais que tentemos dar uma função museológica esta nunca será verdadeiramente alcançada, pois enquanto os museus têm como função conservar, expor, investigar e preservar; aqui seria sobretudo investigar numa primeira fase, para depois assumir a única função – dar voz às pedras e à arte, perante os utilizadores do metropolitano e perante os visitantes do percurso.

No entanto há que ter cuidado com a informação que se disponibiliza, pois a informação deve estar num formato atractivo e legível para todos os visitantes (e não apenas para os que estão ligados à área da Geologia). Não deverá conter nem fórmulas geológicas nem textos científicos. Para apelar ao máximo de pessoas possível, e estimular a sua leitura, os textos devem manter-se simples, coloridos, escolher apenas um tema por painel (e não vários tópicos) e apesar de parecer errado, devemos explicar o fenómeno, como se o estivéssemos a explicar a uma criança de quatro anos. A interpretação tem de apelar à experiência do próprio visitante e deve criar memórias nos mesmos. Ou não fosse o turismo, o negócio de criar memórias (Woodley-Stewart e Pickett, 2009).

3.2. GEOTURISMO NO METROPOLITANO

O metropolitano de Lisboa, desde sempre teve uma ligação ao mundo artístico português. Ainda que inicialmente tenha sido uma imposição do arquitecto que criou as *estações-tipo*, a verdade é que o metropolitano e o mundo artístico português se complementam em diversas parcerias que, ainda que passem ao lado de muitos dos seus utentes, a verdade é que impressionam e tocam muitos outros. A nível artístico, são as próprias estações que têm um trabalho importante na divulgação da arte portuguesa. Apesar de este facto não ser inovador, visto que muitos outros metropolitanos pelo mundo fora têm este cuidado, é sem dúvida importante de mencionar como parte do caso português,

onde a Cultura nunca teve um papel de destaque no quotidiano das populações. Se inicialmente as estações eram revestidas a mosaico de vidro, estando a preocupação artística relegada para os átrios e suas ligações aos cais, nos dias de hoje existe uma maior liberdade artística, estando a arte a rodear os utentes quer no cais, como aos átrios e acessos exteriores. Em grande parte dos casos, são peças de artistas portugueses, mas existindo também trabalho artístico de artistas internacionais, tal como é o caso da estação Oriente, onde vários artistas mundiais trabalham sob o mesmo tema (o Oceano), mas com resultados muito diferentes.

O metropolitano de Lisboa divide-se em 4 diferentes linhas. A Linha Verde, a Vermelha, a Azul e a Amarela. De todas estas linhas, o percurso menos humanizado é o percurso da Linha Verde, a linha que é considerada, por muitos, a linha primogénita do metropolitano nacional. No entanto, existem já esforços, desde o início do século XXI para colmatar esse defeito. Na estação do Areiro o carácter sóbrio original ainda se mantém inalterado mas, por seu lado, a estação de Alvalade encontra-se já com um novo aspecto, tendo recebido atenção icónico-ilustrativa. Mais concretamente, nesta estação, podemos agora encontrar a história do “macaco sem rabo”, representada na plataforma e nos tímpanos. Se esta linha pudesse receber um nome, seria sem dúvida a linha do imaginário infantil pois, desde a arte simplista com representações quase infantis de objectos do quotidiano, ao “macaco sem rabo” de Alvalade, da representação simplista e imaginativa da cidade de Lisboa da estação de Roma, à representação dos guerreiros e bispos portugueses na estação do Martim Moniz (onde a única estatuária guerreira que possui o olho esquerdo é a estatuária que representa o Dom Afonso Henriques, pois como diz o ditado, “em terra de cegos, quem tem olho é rei”), até ao Coelho Branco (da obra Alice no País das Maravilhas) que decora a estação do Cais do Sodré, esta linha encontra-se repleta de personagens que apelam ao imaginário infantil e às recordações de infância de muitos dos utentes. No entanto, a Linha Verde, possui já no âmbito do programa do Clube Metrox visitas guiadas onde todas estas personagens são apresentadas às crianças (fonte: www.metro.pt visitado em 5 de Outubro 2009).

No outro lado do espelho, temos a Linha Amarela. Esta quase poderia ser chamada a Linha da Pedra visto que só nesta linha, existem três das mais importantes estações a nível de riqueza, diversidade e trabalhos artísticos em pedra natural: Campo Pequeno, Saldanha e Entrecampos. Aqui, a arte e o património geológico são unos e têm o poder de deslumbrar o visitante quer com a sua beleza, quer com a riqueza e técnicas de trabalho em pedra (embutidos do Campo Pequeno; em Entrecampos, o trabalho de ácido na placa de pedra). No entanto, esta é também uma linha de cultura e de conhecimento com a magnífica estação da Cidade Universitária e a segunda fase da estação do Saldanha com as citações e a arte de Almada Negreiros (1893-1970).

Uma das linhas mais contemporâneas é a Linha Azul e, apesar das suas estações serem mais iluminadas e menos sóbrias, continuam a ser mais simplistas na sua demonstração artística. No entanto, nesta linha encontramos o trabalho de Júlio Pomar, aguarelas em azulejo, do mestre Júlio Resende, na estação do Jardim Zoológico, o mundo fantasioso da estação do Parque. Em termos de nomear um tema nesta linha, esta tarefa tende a ser mais complicada dada a sua heterogeneidade artística. O único fio condutor entre algumas estações poderá ser a história de Sebastião José de Carvalho e Melo, o grande Marquês de Pombal. Desde a estação da rotunda, que o homenageia, à estação do Parque, que nos permite uma das melhores vistas panorâmicas da sua Lisboa, a sua grande obra-prima, à estação da Praça de Espanha, residência dos meninos de Palhavã. No entanto, a linha azul não tem elementos que possam ser utilizados numa rota geoturística pois, nestas estações, o uso da pedra é quase nulo e, quando existe, não tem um papel de destaque. Se aqui criássemos um circuito, este poderia ter algumas estações com importância artística e algumas com importância histórica, no entanto, nada que fosse coerente num circuito geoturístico e é por essa razão que esta linha não tem qualquer rota geoturística urbana.

Das quatro linhas a mais eclética de todas é sem dúvida a Linha Vermelha. Construída no final do século XX aqui a arte ganha vida, mesmo nas estações onde esta tem um papel mais subtil, como é o caso da estação Alameda em que as obras de arte foram remetidas para locais onde a maioria dos utentes não passa. A linha que liga, através de túneis subterrâneos, a zona do Parque das Nações a S. Sebastião tem, na estação do Oriente, o seu expoente arquitectónico e artístico máximo. Aqui, artistas de diversos países unem-se através de um único conceito: “O Oceano”. No entanto, não se pode dizer que apesar do conceito ser o mesmo, que os trabalhos são homogéneos. Muito pelo contrário. Cada artista traz a sua própria visão. Desde os elementos arquitectónicos (com o gradeamento que se sobrepõe, formando a ilusão de ondas; o revestimento em ferro das colunas, que se assemelha às redes de pesca) aos elementos artísticos (painéis de azulejos, escultura) a diferença encontra a sua coesão. Este é o exemplo perfeito de mudança de política da empresa. Se, inicialmente, era imposto aos artistas a plataforma em que deveriam trabalhar (o azulejo) agora era dada liberdade. Os artistas trabalhavam as peças com a matéria-prima da sua eleição. É por isso que a Linha Vermelha se destaca (embora actualmente, no início do Século XXI, com as renovações das estações das linhas mais antigas, o trabalho artístico venha a ter a mesma linha de liberdade). Nestas estações a arte está no azulejo, na pedra, no bronze, no ferro. Cada estação apresenta um tema forte, bem trabalhado e homogéneo em toda a estação. Se aqui tivéssemos que nomear uma rota, o percurso sem dúvida que se deveria chamar A Linha da Arte.

Mas qual poderá ser o interesse geoturístico do metropolitano de Lisboa? Para respondermos a esta questão, basta pensar que é um facto que, com o uso de diferentes texturas e colorações das pedras, os artistas conseguem fazer verdadeiras obras de arte e jogos geométricos criando estações como o Campo Pequeno. Uma estação em que dezenas de diferentes pedras ornamentais se complementam para criar peças de grande valor artístico. Basta também pensarmos que existem estações como Entrecampos, que é original e pioneira no uso da pedra, e no facto da composição desta reagir com o ácido para aproveitar esta ocorrência geológica para trabalhar de forma única e artística a pedra., criando uma peça de arte única na cidade e que muitos lisboetas e turistas nunca viram. Porque não sabem da sua existência, ou pelo simples facto da vida em cidade ser tão rápida, que apesar de passarem diariamente pela peça, nunca pararam um segundo para pensar em como tal efeito artístico seria conseguido.

Assim, no metropolitano, ao complementar as pedras com as obras de arte e a história existente à superfície, é possível criar rotas geoturísticas, através de uma divisão em Circuitos com diferentes temáticas, seriam dadas a conhecer as estações do metropolitano de Lisboa que possuíssem uma maior simbiose entre a arte e a riqueza em pedra natural, ou até mesmo estações que apenas se destacam num dos campos, como é o caso da estação do Oriente, na Linha Vermelha.

Como os meios de transporte podem ser adaptados a outros propósitos que não o inicialmente estabelecido (Almeida, 2009) ao utilizarmos as linhas do metro, damos a conhecer a história, o património geológico e o património artístico, por vezes votados ao esquecimento colectivo. São pequenos tesouros que como sempre estiveram lá, já não possuem grande valor para os utentes, mas que sem os quais, estes, provavelmente, não tirariam tanta calma e até mesmo satisfação, nos percursos que todos os dias calcorreiam.

Ficámos a perceber que desde as plataformas artísticas, de tradição milenar, como o trabalho em pedra, se mantém actuais e uma das formas predilectas de transmitir algo - pois uma pedra, nunca é totalmente homogénea e no mesmo bloco, podemos encontrar diferentes texturas e com isso fazer jogos geométricos, imitar texturas do mundo animal e floral – mas também novas plataformas são descobertas, como os simples corrimões de uma escadaria na Gare do Oriente. Nas nossas estações podemos ver tantas pedras de origem nacional como internacional, trabalhos artísticos de criadores

portugueses, mas também de criadores com origem noutros continentes. Aqui vemos trabalhos em azulejo, pedra e metal. Tudo é válido para humanizar e tornar especial um espaço debaixo de terra.

4. CONCLUSÃO

Ao longo dos séculos, o turismo foi uma actividade que evoluiu de um fenómeno elitizado para um fenómeno massificado. No entanto, num mundo em constante evolução, aquilo que era praticado num longo período de férias por ano progrediu para férias em pequenas parcelas de tempo, distribuídas ao longo de todo o ano. Ao repartirmos o tempo de lazer, repartem-se também os objectivos de cada “escapadinha”. Aquilo que habitualmente era uma tradição anual, agora pode tornar-se numa visita a uma cidade, a uma praia, a um cenário de neve, à participação de um evento desportivo ou musical... Tudo dependerá da época do ano em que as férias acontecem e de quem acompanha o indivíduo na viagem.

O Geoturismo nasce tanto do Turismo da Natureza como do Turismo Cultural, pois assenta em bens patrimoniais naturais e materiais edificados, dependendo se falamos em Geoturismo Natural ou Urbano. Este último, faz a ligação entre ambos os patrimónios criando um novo saber e um novo olhar sobre aquilo que nos rodeia diariamente. Podemos assim afirmar que valoriza o património material edificado fazendo-o assumir-se de um novo modo, diferente das suas funções habituais, ao visitante (como por exemplo, uma igreja que faça parte de um percurso geoturístico urbano, será visitada e conhecida pelos seus tesouros escondidos a nível do tipo de rochas naturais que alberga no seu interior ao invés de ser visitada por ser um templo de fé).

Ao musealizarmos e atribuímos um novo tipo de discurso a um espaço já existente e com uma função previamente estabelecida, estamos a mediar o diálogo entre o local e o público. É por isso para nós tão interessante esta possibilidade de criação de percursos geoturísticos no metropolitano de Lisboa, pois estaríamos a dar uma voz às estações, sendo na realidade estas a partilhar o conhecimento e os bens patrimoniais aqui existentes.

As quatro linhas do metropolitano de Lisboa distinguem-se entre si em termos patrimoniais, quase tão perfeitamente como se distinguem as cores que as identificam. Existe a Linha Vermelha muito ligada à arte e à humanização máxima de todos os espaços partilhados com o público; na Amarela a riqueza em pedra natural e partilha da cultura nacional impera; a Linha Azul é a mais heterogénea em termos temáticos, mas a nível artístico, aqui, as obras são mais simples e vistas como uma forma de complementar as estações ao invés de se sobreporem a estas; a Linha Verde, sendo a linha original, é a que alberga os espaços menos humanizados. Existe, no entanto, uma tentativa recente de mudar este cenário, estando-se a renovar muitas das estações que fazem parte desta linha. Se estas renovações seguirem a mesma temática artística das estações humanizadas já existentes, poderá afirmar-se, sem sombra de dúvida, que esta é a linha mais ligada ao imaginário infantil.

Em termos de viabilidade de percursos geoturísticos no metropolitano de Lisboa, poderemos afirmar que esta existe, já que em diferentes estações os artistas brincam com as diferentes colorações e texturas das rochas para criar uma visão artística de um espaço, ou simplesmente para reproduzir padrões do mundo animal (por exemplo, os cavalos e touros dos painéis de rocha natural embutida na estação do Campo Pequeno). Existem estações que mostram novas técnicas de trabalho artístico, seja a plataforma a pedra natural ou o azulejo (por exemplo, o trabalho com ácido em rocha na estação de Entrecampos, ou a aguarela pintada à mão em azulejo na estação Jardim Zoológico). As nossas estações do metropolitano têm tanto obras de grandes mestres portugueses (como, por exemplo:

Vieira da Silva na Cidade Universitária; Júlio Pomar, no Alto dos Moinhos; Maria Keil, com trabalhos em todas as estações da Linha Verde e em algumas estações das linhas Azul e Amarela; Almada Negreiros, que é homenageado na estação Saldanha II) como de artistas de todos os cantos do mundo (como na estação Oriente). Um percurso geoturístico não pode visar apenas o património natural e material edificado, há que ligar estes patrimónios ao património imaterial do conhecimento popular e é por isso que estes percursos são potencialmente viáveis. Pois no mundo subterrâneo tudo é válido para dar um novo olhar ao que nos protege do mundo à superfície; tudo é válido para humanizar um espaço que centenas de milhares de pessoas utilizam ao longo do ano.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. (2009), *Aeroportos e Turismo Residencial. Do Conhecimento às estratégias*, Universidade de Aveiro.
- BENNET, M., DOYLE, P., LARWOOD, J. G., e PROSSER, C. D. (Eds.) (1996), "Geology on your doorstep. The role of urban geology in earth heritage conservation", *The Geological Society*, London, 270.
- CAETANO, P. S., VERDIAL, P. H., GREGÓRIO, P., HEITOR, A. P., PEDRO, B., e SILVA, I. (2003), "A criação de circuitos geológicos no Almada Forum – um exemplo de divulgação da Geologia em meio urbano", *Ciências da Terra (UNL)*, Lisboa, nº esp. V, 106-107; CD-ROM, I24- I27.
- DOWLING, R. (2009), "The growth of global Geotourism", in *New Challenges With Geotourism-Proceedings VIII European Geoparks Conference*, Idanha-a-Nova, 24-31.
- DOWLING, R., e NEWSOME, D. (2006), *Geotourism*, S.I., Elsevier, Amsterdam.
- FERREIRA, L. D. (2005), "Estudo analítico das variáveis da macro envolvente de um destino turístico", *Revista de Estudos Politécnicos*, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Barcelos, Vol. II, nº4, 135-147 [online available] in <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/tek/n4/v2n4a09.pdf>, acedido a 15.08. 2010
- GALOPIM de CARVALHO, A. M., (1993), "Museus de história natural", *Rocha-Trindade*, M. B.(coord.) Iniciação à Museologia, Lisboa, Universidade Aberta, 231-244.
- GALOPIM de CARVALHO, A. M. (1998), "Geomonumentos – Uma reflexão sobre a sua classificação e enquadramento num projecto alargado de defesa e valorização do Património Natural", in *Actas V Cong. Nac. Geologia*, Comun. Instit. Geol. Mineiro, Lisboa, t. 84, fasc. 2, G3 – G5.
- HENRIQUES, E. B. (2003), "A Cidade, Destino de Turismo", *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, Faculdade de Letras, I série, vol. XIX, Porto, 163-172, online available: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/312.pdf>, acedido a 15.08. 2010.
- INÁCIO, A. I., e PATULEIA, M. (2008), "Geoturismo, uma forma de Interpretação do Espaço Turístico: do Natural ao Urbano", *Revista Turismo e Desenvolvimento*, Universidade de Aveiro, Número 9, 91-102.
- MACFARLANE, R. (2003), *Mountains of the mind*. Pantheon Books, New York, 283.
- McKERCHER, B., DU CROS, H. (2002), "Cultural Tourism The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management", *The Haworth Hospitality Press*, New York.
- MEI (2007), *Plano Estratégico Nacional de Turismo 2006-2015*, Secretaria de Estado do Turismo, Ministério do Comércio e Turismo e Inovação, Lisboa.
- POON, A. (1993), *Tourism, Technology and Competitive Strategies*, Cab International, New York.

RAMOS, M. J. (2009), *Traços de Viagem*, Bertrand, Lisboa, 136.

RICHARDS, G. (1996), *Tourism in Europe*, Ed. Cab International, Oxon.

UNESCO (1972), *Convenção Geral para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*

URRY, J. (1990), *The Tourist Gaze*, Sage Publication, London.

WOODLEY-STEWART, C., PICKETT, E. (2009), "Interpretation in the North Pennines – The Memory Making Business", in *New Challenges With Geotourism - Proceedings of the VIII European Geoparks Conference*, Idanha-a-Nova, 60.

www.metrolisboa.pt, acedido em 05.10.2009 a 08.12. 2010